

## HEROÍNAS NEGRAS NO CORDEL DE JARID ARRAES

Autor (1); Manoel Bezerra de Azevedo Júnior; Co-autor (1); Simone Maria da Rocha

Colégio Hipócrates Zona Sul, Associação Cultural Casa do Cordel, Universidade Federal Rural do Semi-Árido – Ufersa, [serrotepreto@hotmail.com](mailto:serrotepreto@hotmail.com), [simone.rocha@ufersa.edu.br](mailto:simone.rocha@ufersa.edu.br)

**Resumo:** Este trabalho apresenta como objetivo principal o resgate de heroínas negras na obra cordelista de Jarid Arraes, uma das vozes mais representativas da atualidade em prosa e verso em defesa e atenção à mulher e à questão racial. Partindo do marco zero da narrativa versejada, cruzando o advento da imprensa e chegando ao atual cordel brasileiro, este artigo mostra a estrutura do cordel e, na sequência, sua importância no processo ensino-aprendizagem afinado com a Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino sobre a história e cultura afro-brasileira. Tendo como *corpus* de análise os cordéis de Jarid Arraes: “Luisa Mahin”, mãe do poeta Luís Gama e importante liderança na luta contra a escravidão brasileira, e “Dandara dos Palmares”, que narra a história de uma mulher negra, guerreira, na resistência contra o Brasil escravocrata, uma das lideranças no Quilombo dos Palmares e companheira de Zumbi. Nossa trajetória nos levou a busca de conhecimentos que possibilitasse a visibilidade da mulher negra em nossa sociedade, enquanto protagonista de uma história individual, mas, sobretudo social, heroínas por vezes esquecidas na história literária do Brasil. Dos achados, destacamos que as heroínas negras foram resgatadas no cordel, por uma mulher forte, corajosa e de identificação direta com a história afrodescendente do nosso País. Amalgamando tudo: cordel, ensino-aprendizagem, cultura e história afrodescendentes. Jarid Arraes é uma escritora contemporânea que expressa na poesia a voz da mulher negra, a ancestralidade, a luta contra o racismo e que discute gênero. Por fim, ressaltamos que o cordel pode ser utilizado de maneira positiva nas situações didático-pedagógicas relativas ao conteúdo da história e cultura afro-brasileira, sobretudo por ser construído de modo crítico, reflexivo, prazeroso, de fácil manuseio e assimilação do conteúdo na aquisição de conhecimentos, colaborando para o processo de ensino-aprendizagem. Esperamos contribuir para os debates acerca da heroína negra na literatura brasileira a partir do cordel, admitindo a importância feminina afro-descendente para a afirmação da identidade multicultural brasileira.

**Palavras-chave:** Cordel, Heroína Negra, Gênero, Educação.

### Introdução

Este trabalho tem como objetivo primordial resgatar a figura da heroína negra presente nos cordéis escritos por Jarid Arraes, uma das mais representativas vozes femininas que escreve textos poéticos e críticos em defesa e atenção às mulheres e a questões raciais. Para análise, nos detemos nas obras: **Luisa Mahin**, cordel biográfico que conta a história de Luísa Mahin, mãe do poeta Luís Gama e importante liderança na luta contra a escravidão no Brasil, e **Dandara dos Palmares**, que narra a história de uma mulher negra, guerreira na resistência contra a escravidão no Brasil, líder do Quilombo dos Palmares e companheira de Zumbi.

O texto apresenta, além da introdução e da conclusão, um histórico do cordel, desde suas origens ao momento atual, e sua afirmação enquanto literatura genuinamente brasileira, bem como a estruturação do cordel, no que concerne a estrofe, métrica e rima mais comumente usadas por seus autores. Em seguida, refletimos sobre a importância do cordel enquanto instrumento didático-

pedagógico, no processo de ensino-aprendizagem, destacando a Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino sobre história e cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficial e particulares, por considerarmos que a temática do estudo está em consonância com a Lei. Na última parte, fazemos uma apresentação e análise das obras de Jarid Arraes, conforme destacamos anteriormente.

Esperamos que a leitura deste trabalho contribua para a discussão sobre heroínas negras na literatura brasileira, a partir do cordel, reconhecendo a contribuição das mulheres afrodescendentes para a afirmação de identidades multiculturais no Brasil.

### *DO CANTO DAS COMUNIDADES AO FOLHETO: histórico do cordel*

A necessidade de registrar, em versos, acontecimentos de uma nação ou de um povo vem desde a antiguidade ocidental e oriental. Primeiramente pela oralidade com o canto das comunidades, preservado na memória dos poetas que cantavam nas praças e mercados tais registros versejados. Da tradição grega através dos rapsodos – poetas que cantavam seus versos com auxílio de uma lira –, aos bardos e trovadores medievais, cujo primeiro registro ocorreu em cancioneiros manuscritos, evoluímos, por fim, para o registro impresso com o advento da imprensa.

Impressos versejados surgem por toda a Europa, só para citar alguns, em Portugal, as Folhas Volantes”, na Espanha, “Pliegos Suelos”, na Inglaterra, o “Brodsheet” ou “Broadside” e na França, o “Cannard”. Da fonte lusitana podemos inferir um dos veios poético-literários ao qual nosso cordel pode muito bem ser filiado (BENJAMIN, 1980).

No Brasil, aportam com as caravelas os tais impressos portugueses em versose, em seu conteúdo, estórias de príncipes e princesas, reis e rainhas, aventuras e desventuras registradas nas famosas obras do romanceiro Ibérico, tais como, A Princesa Magalona, A Imperatriz Porcina, Carlos Magno e os Doze Pares de França e a Donzela Teodora. Essas obras correram do litoral ao sertão brasileiro, com mais força no Nordeste, receberam adaptações pelos poetas que moldaram uma literatura de cordel genuinamente brasileira. Luciano (2012) lembra que, até 1879, não havia registro de cordel publicado no Brasil.

Muitas estórias transmitidas pela oralidade atravessaram séculos preservados na memória dos seus descendentes, como exemplo pode-se citar Dona Militana de São Gonçalo do Amarante/RN que até sua morte aos 85 anos, ainda recitava cantos executados por seu pai, romances ibéricos medievais que narram os feitos de bravos guerreiros e contam histórias de reis e rainhas, príncipes e princesas, duques e duquesas. Cascudo (1982, p.14), define a preciosidade de tais registros: “É preciso ter ouvido as vozes sertanejas de outrora, cantando as velhas cantigas que

havam embalado crianças para sentir a intraduzível e profunda poesia da continuidade sentimental, que nenhum processo mecânico captará”.

A falta do registro impresso de tantas estórias versejadas do repertório oral, seja da herança ibérica, seja de registro de histórias ocorridas em solo brasileiro nos faz mais pobres de cultura pelo grande legado perdido ao longo do tempo. O impresso cumpre importante papel contribuindo para a preservação dessa memória coletiva, como exemplo podemos citar o próprio Câmara Cascudo que resgatou o “A.B.C. dos Canelas-de-Ferro” de autoria de um poeta da roça, Preto Salvador, um drama versejado na sextilha tradicional, dos índios Canelas-de-Ferro, ocorrido em 1896 em Santana do Matos/RN; publicou em sua obra:

[...] Um poeta do povo, professor da roça, Preto Salvador, que assistira ao drama, escreveu um ‘A.B.C. dos Canelas’ ainda corrente e sabido de cor. [...] Aqui se cumpre a solicitação coletiva para registro deste documento da literatura oral, fixando um drama que não se apagou do entendimento do povo. (SALVADOR, 2008, p. 11).

A transmissão das narrativas de fatos ocorridos em tempos de comunicação oral numa sociedade predominantemente rural, isolada, analfabeta e sem meios de obter conhecimento ou informação, o cordel serviu como importante instrumento de comunicação. Mas devemos observar o fato de que os impressos versejados no Brasil só vão surgir em fins do século XIX, início do século XX. Por essa época era comum haver registros manuscritos correndo de mão em mão, de casa em casa, leitura coletiva nos alpendres e pátios de feira, como atesta Júnior (1977, p. XVIII):

Tudo indica, entretanto, que essa difusão antes de fazer-se impressa como hoje, era manuscrita. Folhas soltas ou cadernos de papel registravam a tinta ou a lápis os versos, os fatos, a poesia; e iam passando de mão em mão, circulando de uma área a outra, e assim divulgando-se. Não era dessa forma que se disseminavam receitas de doces e bolos? E também orações religiosas? E ainda os modelos de bilros? Acredito que teria sido, através do manuscrito, que começaram a surgir os versos ou a poesia popular, que iria depois dar base ao aparecimento da literatura de cordel contemporânea.

Luciano (2012) lembra também que o nordeste brasileiro acolheu tal literatura, e deu-lhe característica própria, firmando a sextilha tradicional como estrutura predominante no cordel. Por falar em cordel, a referência ao folheto exposto e vendido nas feiras e mercados, pendurado em cordão era apenas na Europa, aqui no Nordeste, onde se fez mais forte, era exposto e vendido em maletas abertas em feiras e mercados. Na Europa, já se fazia o uso da xilogravura, desenho esculpido na madeira para se extrair cópia impressa, como arte gráfica para as confecções das capas. Medeiros (2002, p.22) descreve essa importante arte constantemente associada ao cordel:

A xilogravura é talhada em madeirapelo matuto, com tesoura de uma perna só, banda de gilete, quicé (faca de cortar fumo), formão ou canivete. Qualquer instrumento cortante, desde que seja afiado suficiente para abrir sulcos e deles tirar crenças e tradições caboclas vestida de anjos e demônios, de gente ou bichos, heróis ou bandidos. O Nordeste, símbolo da escassez, não é muito exigente quando se trata de dar vida à sua fantasia. Técnica simples e muitas vezes rústica, é assim que nascem das mãos dos gravuristas as capas dos cordéis que tanto encantaram e encantam o matuto nordestino.”

Benjamin (1980, p. 184), diz que:

[...] nos primeiros vinte anos, os nossos editores (primeira fase de Leandro Gomes de Barros) não usavam xilogravuras, mas composições tipográficas simples, somente com tipos vinhetas; depois de 1913, com a entrada de João Martins de Athayde é que a xilogravura alcançaria no cordel a importância que havia tido na Europa do século XVI e seguintes.

Desse modo, observamos uma evolução também no que se refere às capas dos cordéis brasileiros publicados na época. O autor destaca ainda que, na perspectiva do professor francês, especialista em cordel, Raymond Cantel, o cordel do Brasil “[...] foi e é mais rico do que o de qualquer outra parte do mundo” (BENJAMIN, 1980, p. 184). Hoje o cordel já adota outras técnicas e artes visuais, como o nanquim e a própria computação gráfica para compor suas capas. Ainda, segundo Luciano (2012), Silvino Pirauá, João Martins de Ataíde, Francisco Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros são considerados os nomes que formam os pilares desse gênero literário no Brasil, sendo Leandro Gomes de Barros considerado o Pai do Cordel Brasileiro, pois foi quem além de escrever centenas de cordéis foi o primeiro a editar cordel no Brasil, tendo por autoria o cordel *A Força do Amor (A História de Alonso e Marina)* publicado em 1902, encartado em fac-símile no Tomo V da *Antologia de Literatura Popular em Versos*, da Casa Rui Barbosa.

#### *Estrutura do cordel: métrica, estrofe e esquema de rima*

O cordel está estruturado em métrica, rima e estrofe. No que diz respeito à métrica, a redondilha maior, o verso de sete sílabas poéticas, é o mais utilizado por seus autores. Os poetas populares fazem uso do “Pé Quebrado”, opção de versejar com 6 ou 8 sílabas, uso geralmente rejeitado pela academia de cordelistas no Brasil, mas que, na verdade, quase sempre, os ditos Cordelistas tradicionais - referências na história do cordel -, que respondem por boa parte da produção e da história do cordel recorreram a esse artifício sem nenhuma cerimônia.

As estruturas mais usadas, propriamente ditas quanto ao número de versos para cada estrofe são:

**Sextilha tradicional** – A mais usada, estrofe de seis versos com rimas no esquema A B C B D B. Como podemos observar no cordel “O Pavão Misterioso” (s/a), de José Camelo de Melo Rezende:

Eu vou contar a história,  
Do pavão misterioso,  
Que levantou voo da Grécia,  
Com um rapaz corajoso,  
Raptando uma condessa,  
Filha de um conde orgulhoso.

Existem outros esquemas de rima para a sextilha podendo ser citada a *Sextilha Interpolada* que apresenta o esquema de rima A A B C C D.

**Septilha** – Estrofe também comumente usada pelos cordelistas, estrutura-se em sete versos de sete sílabas, ou seja, na redondilha maior, e que obedecem em geral, ao esquema de rimas A B C B D D B, mas há outros esquemas de rima. Para ilustrar, temos o modelo A B B A D D B, como este apresentado no exemplo no cordel “Um Guerrilheiro Potiguar no Araguaia”, de Manuel de Azevedo (2005):

Ó Santa Musa Poética,  
Fazei o meu versejar,  
Mais reluzente brilhar,  
E, que nas sendas da ética,  
Sob as luzes da verdade,  
Com meu estro em liberdade,  
Compor em perfeita estética

E fechando as estruturas mais comuns usadas no cordel, apresentamos agora a **décima ou glosa** que se constitui de estrofe de 10 versos em redondilha maior enquadrado no esquema de rimas A B B A A C C D D C. Observe a décima ou glosa exemplificada abaixo no cordel do Lambe-Lambe, de Manuel de Azevedo, lançado na coleção Chico Traíra, número 113, pela Fundação José Augusto no ano de 2014:

Quando me lembro me toco  
Lá na calçada da Sé,  
A caixa sobre o tripé,  
A foto obtida ‘in loco’,

Imagem pura que enfoco  
Na câmera da memória  
Enquadro em versos de glória  
Registro num simples ato,  
Neste poema-retrato  
O lambe-lambe na história.

As variações das estruturas próprias da cantoria, às vezes, são trazidas para o cordel por algum autor que gravou e resolveu registrar no folheto impresso. Então, podemos nos deparar com versos decassílabos em alguns cordéis. A oitava é uma estrutura que se encontra no cordel e que faz parte da cantoria. A quadra ou trova popular já foi bastante usada no passado, em edições dos primeiros cordéis, mas praticamente não se usa mais hoje. Mas por excelência, e por ordem, as estruturas mais usadas são a sextilha, septilha e a décima (glosa).

#### *O CORDEL NA SALA DE AULA E A LEI 10.639/03*

O cordel hoje desfruta de prestígio como recurso didático na educação em diversas disciplinas. O livro “O Cordel no Cotidiano Escolar”, da série “Trabalhando com... na escola”, da editora Cortez, 2012, de autoria de Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro, estabelece interessante estudo no qual docentes de áreas diversas do conhecimento são instigados a compreender e a trabalhar com o cordel na sala de aula, levando em conta a natureza poética desse suporte pedagógico, que costuma encantar pela musicalidade das rimas e pulsar da métrica e que invariavelmente cumpre o objetivo de conduzir à leitura rica e prazenteira.

A Lei 10.639/03 tem como objetivo tornar visíveis aqueles que sempre foram invisíveis de forma imposta pela cultura hegemônica; assim, os docentes, no caso específico os de Literatura precisam se reinventar, buscar estratégias para abordar de forma eficiente as relações etnicorraciais na escola, e uma das melhores formas é a partir do modelo da leitura crítica (CONCEIÇÃO, 2015).

A Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003 traz em seu texto que:

Art. 26-A. nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre história e cultura Afro-Brasileiras. §1º. O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra Brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica, política pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003).

Conceição (2015, p. 5-6), afirma ainda que “por não se limitar a estrutura poética, como faz a literatura historicizada que vivenciamos em salas de aula, o cordel nos possibilita irmos além,

discutirmos e desconstruirmos a sua ideologia”. Diante disso, podemos inferir que o cordel pode ser um dispositivo eficaz para a apresentação, reflexão e discussões críticas dos conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileiras.

Na medida em que reconhecemos sua importância como instrumento de contribuição para a prática pedagógica docente, visando o pleno desenvolvimento do ensino-aprendizagem dos conteúdos programáticos, reconhecemos também que o cordel pode despertar o gosto pela leitura e produção de texto, valorizar a cultura popular em nossa sociedade, e mais ainda, sensibilizar para o reconhecimento das contribuições dos povos afro-brasileiros na construção e no desenvolvimento de nossa nação.

Muitas são as experiências e práticas pedagógicas utilizando o cordel como suporte midiático para trabalhar conteúdos diversos na obtenção de conhecimentos e de expressão de uma visão de mundo plural e inclusiva, é importante para o cordel esse momento de valorização e reconhecimento, como atestam as palavras de Alves (2008, p.108):

Abordar a presença da Literatura de Cordel em sala de aula implica refletir, entre outras coisas, sobre concepções de leitura, literatura e ensino postos em prática no cotidiano das escolas. Seria propor uma forma de estimular os alunos a enxergarem o que há por trás dessas produções textuais, não só no que diz respeito ao texto em si, mas com relação às vozes que ele traz consigo. Vozes essas capazes de expressar questões morais, políticas, sociais, econômicas e culturais.

Munidos desses argumentos, e da força narrativa do cordel, sua trans-multi-interdisciplinaridade, apresentamos a seguir, reflexões que têm como objetivo pensar o papel da mulher negra na sociedade como protagonista de sua história.

#### *JARID ARRAES E O RESGATE DA HEROÍNA NEGRA PELO CORDEL*

Jarid Arraes é uma das mais representativas vozes femininas que escreve textos críticos em defesa e atenção às mulheres e às questões raciais. Jarid conta a história de mulheres negras que a literatura brasileira pouco contempla, utilizando o cordel como instrumento importante de divulgação da cultura afro-brasileira. Jarid é porta-voz de tantas mulheres negras que marcaram a história afro-brasileira, trazendo para a literatura brasileira, nos versos de seus cordéis, a saga dos excluídos, dos (in)visíveis, tanto na questão de gênero quanto racial.

Um grande contingente de escritoras negras está à margem da literatura canônica, por causa de sua voz firme contra esse estado discriminatório, preconceituoso e exclusivo de uma raça que se perpetua no fazer literário. Antes mesmo da lei que obriga o ensino da história

afrodescendente já se produziam verso e prosa de qualidade, mas num sistema racial e de gênero predominantemente branco e patriarcal, ficava submerso. Na trajetória em busca de conhecimentos que possibilitem a visibilidade, com o resgate da mulher negra em nossa sociedade, enquanto protagonista de uma história individual, mas, sobretudo social, heroínas por vezes esquecidas na história literária do Brasil. Resgatadas no cordel, por uma mulher forte, corajosa e de identificação direta com a história afrodescendente do nosso País. Tudo isso para demonstrar a consonância com a Lei 10.639/03 que aponta para a obrigatoriedade da história afrodescendente nos conteúdos didáticos nos estabelecimentos de ensino público e particular, ensino fundamental e médio.

Amalgamando tudo: cordel, ensino-aprendizagem, cultura e história afrodescendentes, a cordelista afrodescendente Jarid Arraes sintetiza nosso trabalho. Jarid Arraes é uma escritora contemporânea que expressa na poesia a voz da mulher negra, a ancestralidade, a luta contra o racismo e que discute gênero.

Por fim, destacamos que o cordel pode ser utilizado de maneira positiva nas situações didático-pedagógicas relativas ao conteúdo da história e cultura afro-brasileira, sobretudo por ser construído de modo crítico, reflexivo, prazeroso, de fácil manuseio e assimilação do conteúdo na aquisição de conhecimentos, contribuindo bastante para o processo de ensino-aprendizagem. que narra a história de uma mulher negra, guerreira na resistência contra a escravidão no Brasil, líder do Quilombo dos Palmares e companheira de Zumbi.

Selecionamos para análise, visando contemplar o tema do nosso estudo, da obra de Jarid, os cordéis: **Luisa Mahin** cordel biográfico contando a história de Luísa Mahin, mãe do poeta Luís Gama e grande liderança na luta contra a escravidão no Brasil, e **Dandara dos Palmares** contando a história de uma mulher negra, guerreira na resistência contra a escravidão no Brasil, líder do Quilombo dos Palmares e companheira de Zumbi.

Rimados em versos pares, encaixados na sextilha tradicional, o cordel de Jarid Arraes é fruto de uma pesquisa criteriosa. Filha de cordelistas que também eram xilogravadores ou xilografistas, ela se moldou cordelista banhando-se no veio familiar e na sua descendência africana, era a cor que faltava na aquarela de sua escrita poética. Jarid Arraes desenvolve um cordel engajado politicamente, fruto de suas vivências frente aos preconceitos, aos assédios sofridos e presenciados no dia-a-dia e no seu ambiente existencial. Inspirada na luta dos negros ela transpõe a prosa histórica dos ícones da luta afrodescendente, em particular, das mulheres negras que se destacaram nesse processo.

Jarid Arraes em seu cordel **Luisa Mahin** descreve a capacidade estratégica dessa africana da Costa da Mina que, vendida como escrava, alcançou sua própria alforria. Como quituteira em Salvador, usava o tabuleiro como ponto de remessa de mensagens escritas em árabe, escondidas, enroladas em quitutes contribuindo na organização da resistência negra ao escravismo colonial, como podemos perceber nas sextilhas a seguir:

No século XIX,  
Luisa Mahin nasceu  
Com origem africana  
Sua história aconteceu  
E com incessante gana  
Seu nome prevaleceu.

Vinda da Costa da Mina  
Afirmava ser princesa  
Mas vendida como escrava  
Teve na luta a certeza  
Depois de alforriada  
Demonstrou sua proeza.

Os versos de Jarid mostram a biografia de Mahin, a coragem e o ímpeto de transformação de quem jamais se conformou ou se dobrou diante do racismo e da misoginia, ao contrário, lutou para que outras mulheres negras pudessem viver em liberdade, ocupando espaços que, ainda hoje, são de difícil acesso. Mahin sempre esteve envolvida na articulação de revoltas e levantes de escravos. Na **Revolta do Malês** (1885) e na **Sabinada** (1837-1838), descoberta, foi perseguida, fugiu para o Rio de Janeiro onde foi presa e deportada para Angola, na África. Sua imagem está vinculada a um povo caracterizado pela resistência e desejo de libertação da opressão do regime escravista.

Em **Dandara dos Palmares**, mais uma vez, a heroína negra é resgatada pelo cordel de Jarid. Dandara. Lutou junto com os negros e liderou a defesa do Quilombo dos Palmares. Dandara, ao lado de Zumbi, teria sido contrária ao tratado de paz assinado com o Governo Pernambucano pelo tio de Zumbi, Ganga-Zumba. Mulher guerreira e valente, intensa, aplicada, atuava em todas as frentes na sua comunidade ao lado de seu marido, o grande Zumbi. Seus versos contribuem para a preservação e divulgação da história da mulher negra como protagonista de seu tempo. As sextilhas

novamente servem de moldura poética para o quadro histórico afrodescendente, como podemos observar nesses versos:

Liderança feminina  
Forte com convicção  
Ela jamais aprovou  
Tratado de rendição  
Discordou de Ganga-Zumba  
Em prol da revolução.

Para o Feminismo Negro  
É Dandara um expoente  
De mulher inspiradora  
E de preta como a gente  
Que nos serve como gás  
Pra botar um fogo quente.

A poética cordelista de Jarid Arraes é pura militância. Versos politicamente engajados na defesa de sua afro-descendência como atestamos nos cordéis de sua autoria, **Luisa Mahin** e **Dandara dos Palmares**. Jarid cumpre fielmente sua tarefa de resgatar as heroínas negras no seu ofício de cordelista, exaltando em métrica e rima a força, a bravura, a resistência e a consciência de gênero e de raça, ao selecionar nomes femininos de vanguarda da cultura afrodescendente para serem protagonistas de seus cordéis.

Sobre Jarid Arraes, para termos uma ideia do seu engajamento na luta pela afirmação de sua identidade afrodescendente, basta perceber o grande número de heroínas negras biografadas em seus cordéis. Neles destacamos desde a escritora Carolina de Jesus com sua trajetória desde sua origem favelada até o primeiro livro publicado, até o grande contingente de mulheres líderes de revoltas, levantes e resistência ao escravismo tais como: Maria Felipa, líder da Ilha de Itaparica durante as batalhas pela independência da Bahia.

Maria Aranha, líder do Quilombo do Mola em Tocantins, liderou seu povo contra invasões, vencendo todos os ataques dos escravistas e sustentando uma sociedade altamente organizada e eficiente politicamente. Tereza de Benguela, líder do Quilombo do Quariterê que tem no dia 25 de julho uma data para enfatizar a luta das mulheres negras no Brasil. *Mariana Crioula, líder de uma das maiores revoltas de escravos no Rio de Janeiro, na região do Vale do Café. Zacimba Gaba,*

*Princesa Angolana, grande liderança contra a escravidão no Espírito Santo. Zeferina, líder do Quilombo do Urubu na Bahia. Tia Simoa, liderança contra a escravidão no Ceará.*

Como podemos atestar, através de sua obra publicada em cordel, Jarid Arraes honra com seus versos a bravura, resistência, identidade e afirmação de sua ancestralidade, trazendo à luz da literatura de cordel toda uma legião de heroínas afrodescendentes de todos os quadrantes do território nacional, de norte a sul, num trabalho digno de ser estudado com mais afinco diante de tantas perspectivas que se apresentam em muitos campos da pesquisa.

## Conclusão

Desenvolver este trabalho nos conduziu e reconduziu a lugares já conhecidos e outros desconhecidos. O sobrevoo na história do cordel, ainda que de maneira sintética nos revela tempos, espaços em que bardos cantavam em versos seus mistérios e segredos; mergulhamos na estrutura do cordel, expondo as formas mais comuns ao folheto literário versejado em sextilhas, septilhas e décimas ou glosas com seus respectivos esquemas de rimas.

Na trajetória em busca de conhecimentos que possibilitem a visibilidade, com o resgate da mulher negra em nossa sociedade, enquanto protagonista de uma história individual, mas, sobretudo social, heroínas por vezes esquecidas na história literária do Brasil. Resgatadas no cordel, por uma mulher forte, corajosa e de identificação direta com a história afrodescendente do nosso País. Tudo isso para demonstrar a consonância com a Lei 10.639/03 que aponta para a obrigatoriedade da história afrodescendente nos conteúdos didáticos nos estabelecimentos de ensino público e particular, ensino fundamental e médio.

Amalgamando tudo: cordel, ensino-aprendizagem, cultura e história afrodescendentes, a cordelista afrodescendente Jarid Arraes sintetiza nosso trabalho. Jarid Arraes é uma escritora contemporânea que expressa na poesia a voz da mulher negra, a ancestralidade, a luta contra o racismo e que discute gênero.

Por fim, destacamos que o cordel pode ser utilizado de maneira positiva nas situações didático-pedagógicas relativas ao conteúdo da história e cultura afro-brasileira, sobretudo por ser construído de modo crítico, reflexivo, prazeroso, de fácil manuseio e assimilação do conteúdo na aquisição de conhecimentos, contribuindo bastante para o processo de ensino-aprendizagem.

## Referências

ALVES, Roberta Monteiro. Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. **Revista Fórum Identidades**. Ano 2, v. 4 – p. 103-109 – Jul-dez, 2008.

ARRAES, Jarid. **Luisa Mahin**. Texto impresso. S/a.  
\_\_\_\_\_. **Dandara de Palmares**. Texto impresso. S/a.

ARRAES, Jarid. Site: [www.jaridarraes.com](http://www.jaridarraes.com)

AZEVEDO, Manuel de. **Um Guerrilheiro Potiguar no Araguaia**. Mossoró/RN: Editora Queima Bucha, 2005.  
\_\_\_\_\_. **Lambe-Lambe**. Natal/RN: Coleção Chico Traíra.113. 2014.

BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da Literatura de Cordel**. Natal/RN: Fundação José Augusto, Gráfica Manimbú, 1977.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. Breve Notícia de Antecedentes Franceses e Ingleses da Literatura de Cordel Nordeste. In: **Tempo Universitário**, v. 1, n. 1. Natal/RN: Editora Universitária, 1980, p. 171-188.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 2003.  
Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm) Acesso em: 29 de maio. 2016.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Flor de romances trágicos**. Rio de Janeiro/RJ: Livraria Editora Cátedra Ltda, 1982.  
\_\_\_\_\_. **Notícia Histórica do Município de Santana do Matos**. Natal/RN: Editora Departamento de Imprensa, 1955.

CONCEIÇÃO, Cláudia Zilmarda Silva. **CULTURA, CORDEL E AS RELAÇÕES ETNICORRACIAIS**. ANAIS DO VI SENALIC – TEXTOS COMPLETOS. São Cristóvão: GELIC, Volume 06, 2015, p. 1-11.

JÚNIOR, Manuel Diégues. Literatura de Cordel. In: BATISTA SEBASTIÃO NUNER. **Antologia da Literatura de Cordel**. Natal/RN: Fundação José Augusto, Gráfica Manimbú, 1977.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro/RJ: Edições. São Paulo/SP: Editora Luzero, 2012.

MEDEIROS, Irani (Org.). **Leandro Gomes de Barros: No reino da poesia sertaneja**. João Pessoa/PB: Ideia, 2002.

RESENDE, José Camelo de Melo. **Romance do Pavão Misterioso**. In: Literatura popular em verso – Antologia. Rio de Janeiro/RJ: Casa de Rui Barbosa, 1964.

SALVADOR, Preto. **A.B.C. dos Canelas de Ferro**. Natal: Serrote Preto Edições, 2008.